

As contribuições da Teoria Ator-Rede na construção do processo de popularidade no Instagram a partir de fotos sobre o Rio de Janeiro¹

Bianca ANTUNES²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo vai discutir a construção do processo de popularidade de três instagrammers (@babilemos @ticianaporto @rickymedina_GF), a partir da publicação de fotos inspiradas no Rio de Janeiro. Considerando a ambiência digital e ancorados na Teoria Ator-Rede, nos interessa compreender as especificidades da rede, como ela se forma e como os debates no Instagram mediatizam e ressignificam as controvérsias sociotécnicas. Com base nas cinco fontes de incertezas, o objetivo é colocar a TAR em discussão no Instagram, observar as dinâmicas da teoria e a relação dela com as novas tecnologias da comunicação e com a cidade. Concluimos afirmando que a TAR pode ajudar a traçar um mapa da construção desse momento em que a publicação no Instagram de fotos sobre a cidade do Rio de Janeiro ganha repercussão na rede

Palavras-chave

TAR; Instagram; popularidade; Rio de Janeiro.

1. Introdução

Com o advento da tecnologia, a internet passou a ter um papel importante na relação entre os sujeitos contemporâneos e dispositivos móveis. Desde então, os indivíduos vêm sendo submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro da sua própria casa. Nesse sentido, as redes sociais se tornaram um vasto campo de estilos fotográficos onde a narração imagética surge como um modo de expressão diretamente ligado à experiência. Através dela, é possível suscitar um sentido, desde a legenda até o discurso. A relação entre fotografia e sujeito ficou à disposição para atribuir novos sentidos às dinâmicas comunicacionais e parece unificar comunicação e imagem sem maiores dificuldades.

No contexto atual de proliferação de artefatos midiáticos, o que vimos é uma transformação proporcionada pela tecnologia nas mídias sociais. O desenvolvimento de

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda do PPGCOM UERJ, email: bianca_antunes@hotmail.com

técnicas mais recentes trouxe facilidades no manuseio e permitiu a produção de imagens por profissionais e leigos. *Smartphones*, *tablets* e computadores são considerados importantes ferramentas de comunicação não só para registro do cotidiano, mas de construção da identidade e de visibilidade.

Cabe destacar que, a partir do momento em que o aparato fotográfico se tornou mais popular e teve seu uso simplificado pela tecnologia, as formas de distribuição de imagens foram postas em evidência, ampliando o processo de celebrização dos usuários. A partir disso, é possível pensar na existência de narrativas comunicacionais em um mundo de mídias móveis onde experiências cotidianas, como o ato de fazer e publicar uma fotografia, assumem uma dimensão excepcional de visibilidade.

Com o surgimento da tecnologia, segue na esteira o ato de compartilhar na rede e de criar conexões entre pessoas, até então desconhecidas, mas que têm interesses comuns. Com a câmera digital incorporada a dispositivos móveis e à internet, nunca se fotografou, distribuiu e consumiu fotografia como hoje. Nesse contexto, elegemos o Instagram, um dos aplicativos de fotografia mais populares do universo virtual, que vem sendo usado não só para registrar as experiências do dia a dia, mas para auxiliar na construção de identidade e ganhar visibilidade. Muito em voga no momento, trata-se de uma ferramenta gratuita de compartilhamento de fotos para celulares, computadores e *tablets* que já ultrapassou a marca de 300 milhões de usuários ativos e que ganha cada vez mais adeptos diariamente. Sobre seu caráter estético, ele oferece uma multiplicidade de formas de imagem através do uso de filtros e enquadramentos que otimizam o processo de edição. O resultado visual com cores esmaecidas adota um estilo *vintage* e apresenta um apelo nostálgico para as fotos que ora atribui características de décadas passadas, ora artística. A simplicidade na manipulação de efeitos transforma leigos em pseudoprofissionais. Além disso, o aplicativo permite compartilhar fotos com o *Facebook*, *Twitter*, *Foursquare* e *Flickr*, conferindo assim importância no processo fotográfico tanto na sua obtenção quanto na transmissão das imagens.

Partimos da premissa que é preciso algo que não seja apenas o aspecto ferramental do Instagram para entender a razão de ele ter se tornado um modismo, mas pensar na dinâmica comunicacional produzida pela ferramenta através do dispositivo. Vale lembrar que os aplicativos móveis, conhecidos como *apps*, conferem novas dimensões aos dispositivos já que possibilitam passarmos grande parte do tempo com a tecnologia móvel na palma das mãos, permitindo uma integração com a rotina diária das pessoas.

Hoje as tecnologias sem fio estão transformando as relações entre as pessoas, espaços urbanos e criando novas formas de visibilidade. Cada vez mais inseridos na rede, os usuários ficam atentos à repercussão da imagem postada, aguardando assim o retorno da audiência que vai curtir ou comentar a foto. Não estamos nos referindo a computadores e *smartphones* com funções de câmera fotográfica, mas à construção de relações produzidas pela ferramenta através do dispositivo. Ali se publicam fotos com a expectativa de uma visualização por outras pessoas, no desejo de ver e de ser visto. Ao compartilhar o seu cotidiano com o outro, o sujeito alcança o status da visibilidade, consolida a sua demanda narrativa e alimenta a profusão de imagens. Por esse viés, percebemos que a extensão de outros olhares dá ao indivíduo o status de observador e protagonista quanto ao conteúdo produzido por ele; torna-se, ao mesmo tempo, autor, narrador e personagem.

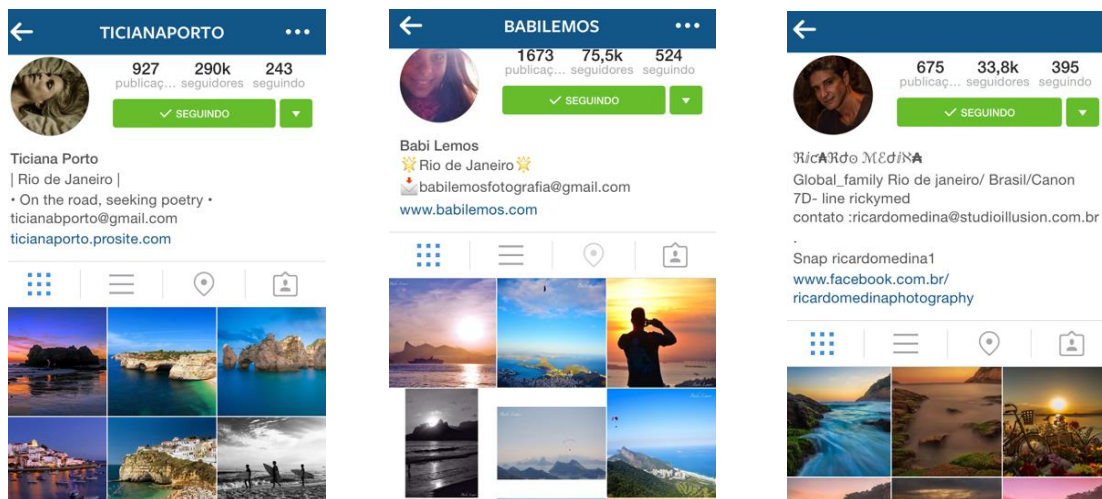
Nessa arena de disputa diária no Instagram, quem consegue atrair um maior número de seguidores ganha visibilidade e, conseqüentemente, um lugar de destaque na rede, em um movimento de construção do perfil de pessoas comuns em populares e celebridades no aplicativo. Para Guy Debord (1997), o espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Assim, é possível perceber que a espetacularização da vida é alimentada pelas relações mediadas por imagens postadas nas redes sociais onde os sujeitos expõem suas ideias, gostos, pensamentos, ações etc. Postar uma foto para ser vista e reconhecida pelo outro, de certa forma, contribui para sua sociabilidade e cria uma valorização de sua representação para obter sucesso, seguidores e ser aceito no mundo virtual.

Essa nova mobilidade tecnológica permitida pelos dispositivos pode trazer uma outra maneira de compreender, dar sentido e criar vivências no espaço das cidades contemporâneas. Nesse contexto, a publicação de fotos usando o Rio de Janeiro como fonte de inspiração ganha cada vez mais repercussão no Instagram onde três usuários, até então cidadãos comuns, buscam um lugar de destaque na rede. Ao se expressarem, através do olhar fotográfico sobre o Rio, tendo como pano de fundo paisagens, arquiteturas e silhuetas humanas em contraste com o cenário da cidade maravilhosa, eles alcançaram um grande número de seguidores e se tornaram populares no Instagram, numa dinâmica que pode indicar que a intimidade explorada por meios virtuais de produção em massa ultrapassou a barreira das ilustres personalidades.

A primeira delas é a psicóloga Ticiano Porto, dona do perfil @ticianaporto, que tem 290 mil seguidores. Através das imagens, busca instigar um olhar poético e contemplativo

sobre as belezas cariocas e tecer uma espécie de poesia visual a cada foto clicada e postada. Em segundo, a fotógrafa profissional Babi Lemos, do @babilemos, com 75,5 mil seguidores, que utiliza o Rio como ambiente de captura das fotos, mas que se percebe melhor tecnicamente que os outros. E, por último, apresentando um caráter narcisista e hedonista e especializado em fotografias de pôr do sol e silhuetas, o publicitário Ricardo Medina (@rickymedina_GF, com 33,8 mil seguidores) criou, a partir do registro das suas experiências no aplicativo, relações sociais por meio de narrativas imagéticas e um vínculo social na rede com os seus seguidores.

Figura 1 – Perfis de @ticianaporto, @babilemos @rickymedina_GF



Fonte: Instagram, 2014

2. TAR e sua interface com a cultura digital do Instagram

Para entender como funciona a construção do processo de popularidade de três usuários do Instagram que têm o olhar voltado para o Rio de Janeiro, e mapear as relações com seus seguidores, usamos a Teoria Ator-Rede (TAR), também chamada de Sociologia das Associações, desenvolvida por Michel Callon, John Law e Bruno Latour, nos anos de 1980-1990. Partindo da premissa de que as inovações tecnológicas geram um campo fértil para a exploração da TAR, ela pode ser considerada útil para análise da popularização numa plataforma virtual.

A TAR tem como prerrogativa a ideia de que a vida social se produz por associações entre humanos e não humanos, um nivelamento entre eles, que podem, em determinados momentos, assumir o controle da ação, numa espécie de atuação múltipla,

heterogênea, cheia de deslocamentos e propícia à conectividade com outros agentes em rede. Para a teoria, não existe a possibilidade de compreender esse campo social sem essas associações e visualizações na distribuição da agência entre os actantes. O destaque da teoria nesse sentido é a inclusão dos artefatos nesse movimento da constituição do social e da noção de controvérsia que, para Latour, deve ser reconhecida pelos vários mediadores envolvidos em alguma controvérsia. Diante dessa ideia principal, traz uma proposta de pensar uma teoria do social que possa entender essas relações e esses mediadores sem colocar, de antemão os humanos no centro da intencionalidade.

Nesse sentido, oferece uma reflexão sobre a comunicação e hibridização entre as pessoas e as coisas, ao tratar das consequências políticas, éticas e pedagógicas na sociedade. Ela espera reagrupar o social ao ajustar o foco sobre as relações híbridas e dinâmicas. Para isso, as investigações devem acompanhar as pistas deixadas pelos agentes durante as associações. São esses atores em interações que explicam o coletivo, ou seja, a rede. Nesse contexto, surge então o conceito ator-rede.

Desenvolvido em torno da sociologia da ciência, Latour (2012) identificou a ineficácia da proposta de purificação pela chamada modernidade, ou seja, da distinção ontológica entre natureza e sociedade, entre sujeito e objeto. Segundo ele, a modernidade pouco purificou e, com efeito, fez proliferar uma grande quantidade de híbridos, de quase-objetos/quase-sujeitos. Foi nessa altura, diz o autor, que os não humanos – microscópios, ostras, pedras e carneiros – se apresentaram à teoria social de uma maneira nova. Para a TAR, não há fenômeno que não rompa essas fronteiras arbitrárias entre natureza e sociedade e, por isso, ela vai oferecer um método que seja capaz de ultrapassar essas delimitações.

Segundo Queiroz e Melo (2007), em *Monadologia e Sociologia*, livro de Gabriel Tarde que foi republicado em 1999, Latour encontrou os dois argumentos que dão apoio à TAR: “A divisão entre a natureza e a sociedade é irrelevante para entender o mundo das interações humanas. A distinção entre macro e micro sufoca qualquer tentativa de entender como a sociedade está sendo gerada” (QUEIROZ E MELO, 2007, p. 265).

Aplicando o pensamento dele no contexto de proliferação de artefatos midiáticos no ambiente contemporâneo, o que vimos é a transformação diária proporcionada pela tecnologia nas mídias sociais com a construção e desfazimento de laços e conexões o tempo todo. Partindo do princípio de que a fotografia é um processo que se realiza a partir de redes sociotécnicas e compreendendo essas controvérsias como situações privilegiadas para o

estudo de redes, o artigo esboça as transformações dessa metodologia advinda da Teoria Ator-Rede no processo contemporâneo de popularidade no Instagram, onde as relações são criadas a todo momento em associações.

Considerando as especificidades das ambiências digitais, é possível rastrear as relações que se formam entre os donos dos perfis (@ticianaporto, @babilemos e @rickymedina_GF) e seus respectivos seguidores e de que forma eles se tornaram populares no Instagram ao postar fotos da cidade; e como foram criadas, a partir do registro das suas experiências no aplicativo, relações sociais por meio de narrativas imagéticas e um vínculo social na rede com os seus seguidores. A TAR se mostra mais apropriada para as coisas ou fenômenos que mudam rapidamente, para domínios instáveis e, por isso, vai ser usada para fazer um mapa das relações no Instagram que estão em processo de construção permanente. Conforme explica Marras (2006, p. 354), “seriam instáveis quando estão envolvidas em controvérsias, e estáveis quando se fecham naquilo que Latour denominou “caixas-pretas”. E então se estabilizam como naturais ou sócias”.

Como sugere o próprio Latour, a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias, e não tentar decidir como resolvê-las ou estabilizá-las: “A busca de ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam” (LATOURE, 2012, p. 44).

3. Trabalhando na identificação das cinco grandes incertezas no Instagram

Ao considerarmos o Instagram como uma interface que transforma o dispositivo móvel em um complexo de imagens e que, ao mesmo tempo, é um actante capaz de mobilizar outros actantes e provocar alterações durante o processo associativo, podendo ser considerado um mediador. Tendo como base o trabalho de Latour na identificação das cinco grandes incertezas, elas são examinadas no contexto do Instagram:

3.1 - 1ª fonte de incerteza

Os meios de comunicação contribuem para alterar a maneira pelas quais os indivíduos se relacionam na rede e a interação nas mídias. Levando em conta o universo da imagem em tempos de rede social, é possível pensar na validade do movimento que acontece no Instagram, já que através dele fomentam-se relações sociais. O que notamos é que a produção e compartilhamento de conteúdo e a criação de comunidades no *app* se

proliferam, gerando interação entre os meios e os usuários. Para entender como se formam as relações entre os donos dos três perfis e seus seguidores no Instagram, onde construção e desfazimento de laços e conexões acontecem o tempo todo, trazemos à discussão a primeira controvérsia, que diz respeito à natureza dos grupos. Segundo Latour (2012), relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim constituído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis.

A partir dessas controvérsias, é possível levantar os recursos necessários para rastrear as conexões sociais. Para ele, o ponto de partida tem de ser justamente as controvérsias acerca do agrupamento a que alguém pertence, mapeando-as em torno da formação de grupo que deixa muito mais traços em sua esteira do que as conexões já estabelecidas. Nesse sentido, os donos dos perfis @ticianaporto, @babilemos e @rickymedina_GF no Instagram podem ser considerados porta-vozes.

Tendo em visto o caráter de remodelação, reconfiguração, transformação no Instagram, os conceitos da ANT se encaixam nesse ambiente virtual onde os agrupamentos são refeitos o tempo todo, o que para Latour (2012, p. 60) é a grande diferença “entre as rodovias dos sociólogos do social e as delicadas trilhas das regiões que queremos mapear”.

O que perdemos – uma lista fixa de grupos – recuperamos, pois os agrupamentos precisam ser feitos e refeitos constantemente e, durante essa criação e recriação, os construtores deixam para trás inúmeros traços que podem ser usados como dados pelo informante. (LATOUR, 2012, p. 59).

Com base nessa premissa e para entender a ação dos actantes envolvidos e uma controvérsia, como a construção do processo de popularidade no Instagram, procuramos identificar e destacar a importância, nos três perfis que estão em estudo, do papel dos mediadores, aquele que enriquece ou altera o conteúdo de uma informação, deslocando o seu sentido, e até mesmo dos intermediários aquele que realiza uma tarefa em perfeita obediência, sem mudar o seu rumo. A partir disso, pode-se vislumbrar a possibilidade de deslocamento do fotógrafo de sua posição de actante para a de um intermediário manipulador de imagem para criar visibilidade.

No livro, Latour (2012) deixa bem claro a diferença entre eles, ao afirmar que “um intermediário é aquilo que transporta significado ou fora sem transformá-los e os mediadores não podem ser contados como um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. Os sociólogos do social acreditam em um tipo de agregados sociais, poucos mediadores e muitos intermediários; para a ANT, não há um tipo preferível de agregados sociais, existem incontáveis mediadores”.

3.2 - 2ª fonte de incerteza

O que notamos é que, para “bombar” no Instagram, não basta apenas postar fotos. É preciso ir além desse aspecto e apresentar ingredientes que formem laços sociais entre os donos dos perfis e os respectivos seguidores. A segunda fonte de incerteza pode ser usada para mapear a controvérsia da ação.

Nesse contexto, surge a discussão da importância dos donos dos perfis como atores que podem ser considerados fonte de incerteza quanto à origem da ação. Para Latour (2012), “eles são importantes porque ao estarem envolvidos por outros na tarefa de formar ou dissolver grupos, eles se empenham em fornecer relatos controvertidos dos seus atos e dos atos alheios, e multiplicando assim os traços”. Segue, assim, à discussão sobre o mapeamento dos mediadores do perfil através de concatenações feitas entre eles, em que cada ponto age plenamente. Para ele, as causas não pressupõem os efeitos porque propiciam apenas ocasiões, circunstâncias e precedentes, inúmeras situações novas e imprevistas.

Por isso, ao mapear controvérsias sobre a ação no Instagram, algumas considerações são levadas em conta nesse contexto:

- a) a ação dos usuários do aplicativo não pode ser invisível porque não vai gerar diferença nem transformação. Por isso, só são consideradas as que efetivamente deixarem rastros no Instagram. Toda ação é produção de diferença e da mediação vão se resultar as marcas. Quando não há diferença, existem apenas os intermediários. Uma vez identificados esses indícios de ação, podem ser mapeados os actantes (agentes humanos ou não) mobilizados nas associações em questão e na composição das redes temporárias engajadas em programas de ação, o que os autores como Lemos (2013) chamam de Cartografia de Controvérsias. “A [*Cartografia de Controvérsias*] pode ser entendida como um método de pesquisa para revelar as mediações, como uma versão aplicada e didática da TAR” (2013, p. 105-106);
- b) figuração e ação para Latour são conceitos diferentes: a primeira fornece uma imagem, uma forma, uma roupagem, um corpo à segunda;
- c) os relatos de ações permitem acrescentar novas entidades e eliminam outros;
- d) teoria explícita da ação, de Pierre Bourdieu, em que os atores esperam explicar como se produzem os efeitos das ações, como elas estão predominando e de que maneira

ela faz sentir influência. Nesse sentido, entra em discussão se a ação será ter papel de mediador ou intermediário.

3.3 - 3ª fonte de incerteza

As mídias eletrônicas fizeram com que a imagem alcançasse um lugar de destaque na comunicação onde os sujeitos da sociedade atual se expõem em excesso, revelando suas identidades e sua privacidade, na ânsia de uma maior visibilidade. Nota-se que, a partir delas, é estabelecida a maioria das relações de associação e agregação entre os indivíduos. A terceira fonte de incerteza aplicada ao Instagram nos ajudar a entender o caráter dinâmico e inconstante das conexões que se fazem e desfazem, se formam e deformam o tempo todo entre os sujeitos do Instagram, considerado uma arena de disputa e exercício de poder, e a continuidade e descontinuidade das ações que ziguezagueiam umas entre as outras, movimento esse constante em mídias sociais. Para Latour (2012), o social é um tipo de associação momentânea caracterizada pelo modo como se aglutina assumindo novas formas, remontando seu significado primitivo e capacitando-o a rastrear conexões novamente.

Nesse contexto, o autor (2012, p. 101) afirma que “a grande vantagem de esquecer a noção de força social e substituí-la por interações breves ou novas associações é a possibilidade de distinguir, no conceito misto de sociedade, o que pertence à sua duração e o que presente à sua substância”. Nesse sentido, ele esclarece que, quando o poder é exercido duradouramente, não há laços sociais. Por isso, destaca a importância dos vínculos sociais que pressupõem algo que só com grande dificuldade se desdobra no tempo e no espaço, que não é inerte e deve ser incessantemente negociado.

Já dizia Tarde (2007, p. 81) que todas as coisas constituem a sociedade e que toda ciência tem que lidar com assembleias de mônadas: “toda coisa é uma sociedade, (...) todo fenômeno é um fato social”.

São conceitos que nos fazem entender como se formam e quão fortes são os vínculos sociais formados no Instagram, a sua durabilidade, solidez e inércia, o caráter duradouro de certos agregados sociais. A partir disso, não podemos deixar de vislumbrar a importância do dispositivo e de que forma o aplicativo incrementa a relação dos instagrammers com a cidade do Rio de Janeiro. Para pensarmos o papel na atualidade de objetos como aparelhos celulares e *tablets* na utilização do Instagram, tomamos de empréstimo novamente o pensamento latouriano. Segundo o autor, o que é novo não é a

multiplicidade de objetos mobilizados por um curso de ação ao longo do caminho, mas sim o fato de os objetos surgirem de súbito não apenas como atores completos, mas também como aquilo que explica a paisagem variegada pela qual começamos, os poderemos supremos da sociedade, as notórias assimetrias, o rude exercício do poder.

É dessa surpresa que os sociólogos de associações preferem partir, em vez de considerar, que a questão obviamente está encerrada, que os objetos não fazem coisa alguma sequer comparável ou mesmo conectável à ação social humana e que, se às vezes “expressam” relações de poder, “simbolizam” hierarquias sociais, “agravam” desigualdades sociais”, “transportam” o poder social, “objetivam” a igualdade e “materializam” relações de gêneros, não podem estar na origem da atividade social. (LATOUR, 2012, p.109).

Na busca de nos fazer entender os pressupostos que regem a Teoria Ator-Rede, o autor destaca que, o principal deles é colocar os artefatos numa mesma relação igualitária com os humanos no poder de empreender ação, ou seja, os não-humanos aparecem como mediadores (objetos inteligentes, computadores, servidores, redes telemáticas, *smartphones*) mais efetivos no processo de mediação. Segundo ele, isso tem provocado mudanças em nosso comportamento. E, por outro lado, mudamos esses não-humanos de acordo com nossas demandas. Essa evidência se mostra dada aos objetos não-humanos que estão invadindo todas as áreas da vida cotidiana, revelando o domínio da técnica e cada vez mais articulando a vida social, como bem explica Lemos nessa passagem:

Humanos se comunicam. E as coisas também. E nos comunicamos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não ... Cada vez mais não-humanos agora “inteligentes”, comunicativos, conectados e sensíveis ao ambiente”, nos fazem fazer coisas, alterando a nossa forma de pensar e de agir, em todos os domínios da cultura (família, trabalho, escola, lazer) (LEMOS, 2013, p.19-20)

Lemos (2013) sublinha ainda que a mediação com não-humanos é parte constitutiva do humano, mas a forma como se engendrou a modernidade possibilitou-nos pensar o contrário, insistindo na separação e purificação dos híbridos em “sujeitos” e “objetos”. Diversos objetos acoplados ao corpo estão montando redes com aquilo que está próximo, informando sobre o que acontece ao redor, no mundo concreto das coisas.

3.4 - 4ª fonte de incerteza

Quando se fala de universo digital e redes sociais, não podemos deixar de notar a existência de um ambiente cercado por disputa e interesse em busca da visibilidade. Acreditamos que nesse processo de se tornar popular no Instagram, algumas coisas devem

ser levadas em consideração na passagem do mundo das questões de fato para as de interesse.

A TAR defende que a verdade dos fatos é um processo de construção de uma rede de proposições, argumentos e inscrições obtidas pela mediação de métodos e técnicas específicas. Essas inscrições seriam traduções dos fatos observados, dos dados consultados em outras fontes e dos relatos de informantes ou porta-vozes autorizados.

Segundo Latour (2012), quando passamos do mundo das questões de fato para os mundos das questões de interesse, já não podemos ficar satisfeitos nem com a indiferença em relação à realidade que acompanha as representações simbólicas, nem com a unificação prematura operada pela “mesma” natureza. Para ele (2012, p. 241), a prioridade nas questões de interesse, em relação às questões de fato, é de extrema importância para a TAR, visto que dela emergem as “questões morais, éticas, políticas, pedagógicas” dos processos de mediação e delegação nas associações. O autor (2012) esclarece ainda que as questões de fato podem permanecer silenciosas, podem permitir-se serem simplesmente descartadas, mas não vão nos faltar dados sobre as questões de interesse porque hoje os seus traços são encontrados em toda parte.

A TAR, por sua vez, mostra-se adequada para promover uma politização do mundo das coisas, tanto das coisas com atributos tecnológicos – que emitem dados para outras coisas –, quanto de qualquer outra coisa que, de uma forma ou de outra, são coisas não sociais, que influenciam diretamente no que se entende por sociedade.

3.5 - 5ª fonte de incerteza

Não podemos deixar de pensar no potencial de multiplicidade da internet na validação da interação midiática por meio de imagens no Instagram. Vale citar que o simples ato de apertar um botão ou delegar isso a algum mediador não humano pode envolver uma rede. Nesse sentido, o dispositivo fotográfico pode ser considerado um ator-rede e o processo fotográfico seria uma rede que se constrói ao redor dele. A partir desses dispositivos fotográficos, é possível gerar e interpretar a imagem, controlar, modificar e ajustar a produção imagética.

Dessa forma, usuários da plataforma, sejam donos de perfis, sejam seguidores, formam uma rede em torno do mesmo assunto, no caso em questão, as imagens sobre a cidade do Rio. Nesse âmbito, há de se discutir uma série de ações no processo de construção de popularidade e qual é o papel de cada um dos envolvidos no movimento de

associação em construção onde os objetos digitais e em rede estão em constante e progressiva hibridização com os humanos e outros não-humanos.

Baseado na Teoria Ator-Rede, Callon (2008) afirma que, sem ela não se pode compreender a ação humana e a constituição de coletivos, sem levar em conta a materialidade, as tecnologias e os não-humanos. Para ele, o actante é um agente, coletivo ou individual, que pode se associar ou dissociar com outros agentes. Nesse sentido, a responsabilidade da ação é partilhada entre os agentes, existindo assim a possibilidade de se falar em rede sociotécnica. Em outras palavras, para Crawford (2005), actantes são “indeterminados, sem qualquer substância ou essência a priori, e é através das redes às quais se associam que derivam sua natureza. Além disso, os próprios actantes se desenvolvem como redes”.

Na TAR, a noção de uma teoria geral das relações também está ligada ao pensamento de Serres (1999) que tem como proposta abranger o traçado de mapas e a tessitura de redes numa abordagem sem fronteiras disciplinares. O autor apresenta as ideias de tempo e espaço em forma de redes e não em linhas retas.

Para Lemos (2014), a proposta da TAR é olhar o social não como substância, mas como subsistência, e isso quer dizer que a postura de entender a realidade social não se restringe apenas na individualização da ação, ou na conformação de um espaço micro, também não ajuda. “Ambos, micro, macro, individual ou coletivo são ficções, esclarecendo que “a rede não é conexão, mas composição” (LEMOS, 2014, p.35).

Assim, Lemos (2014), seguindo os autores da TAR, parte de uma ontologia plana, isto é, do pressuposto que tanto humanos quanto não-humanos – as coisas, objetos em geral, leis, fenômenos da natureza, inovações científicas, etc. – podem agir e/ou promover ações. Os humanos e os não-humanos são, portanto, actantes que formam redes, visto que esses não-humanos também “nos induzem a coisas que não podemos deixar de fazer, aqui e acolá, acolá e depois”. Para ele, é isso que diferencia a sociologia das associações daquela, mais tradicional, que Latour entende por sociologia do social. O destaque para as associações aponta, não obstante, para uma teoria do social pensada através da formação das redes sociotécnicas e, portanto, “sem colocar, de antemão, os humanos no centro da intencionalidade. Nesse sentido, Lemos (2014) ressalta que, na expressão ator-rede, o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade.

4. Conclusão

Neste artigo, nos voltamos para a dinâmica de formação de redes não como algo que já estaria dado, mas que vai se enredando ao longo do tempo. Ancorados na Teoria Ator-Rede, tratamos as cinco fontes de incerteza de Bruno Latour aplicadas ao contexto do Instagram para entender como funciona o processo de popularidade de três instagrammers que usam fotos do Rio de Janeiro como fonte de inspiração.

Trazemos à discussão a primeira fonte de incerteza que diz respeito à natureza dos grupos aplicada ao contexto de remodelação, reconfiguração, transformação no Instagram, onde os agrupamentos são refeitos o tempo todo. Com base na segunda fonte de incerteza, podem ser mapeadas as controvérsias da ação e como todos os envolvidos no Instagram são importantes na formação, dissolução de grupos e multiplicação de traços. Já a terceira fonte aplicada ao Instagram nos ajudar a entender o caráter dinâmico e inconstante das conexões que se fazem e desfazem, se formam e deformam o tempo todo entre os sujeitos do Instagram, considerado uma arena de disputa e exercício de poder, e a continuidade e descontinuidade das ações que ziguezagueiam umas entre as outras. A quarta traz à discussão as diferenças entre as questões de interesse e de fato e como elas devem ser levadas consideração no ambiente virtual. Por fim, a quinta fonte apresenta o conceito de rede num movimento de associação e progressiva hibridização com os humanos e outros não-humanos, assim como as relações que se formam entre usuários do Instagram estão em constante construção e desconstrução diariamente, minuto a minuto.

Sabemos que aplicar as cinco fontes de incertezas latourianas num contexto virtual transitório não esgota a discussão sobre as transformações tecnológicas no dia a dia do sujeito contemporâneo. Mas, pode ser considerado o primeiro passo e nos traz indícios para que possamos entender mapear a construção de um fenômeno em voga no momento e tão desejado que é a busca pela popularização no Instagram. Dessa forma, a TAR pode nos ajudar a superar disputar, recuperar contribuições, nos ajudar a propor novas leituras desses novos fenômenos de um mundo em proliferação com diferentes velocidades de coisas sendo criadas e entrando a todo momento em associação.

5. Bibliografia

CALLON, M. **Entrevista: Dos estudos do laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos.** Sociologias, Porto Alegre, ano 10, n° 19, jan./jun. 2008, p. 302. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222008000100013&script=sci_arttext

CRAWFORD, C. **Actor Network Theory**. In: RITZER, George. *Encyclopedia of Social Theory*. Sage, 2005. p 1-3.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012, 400 p.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 310 p. 2013.

MARRAS, S. **Como não terminar uma tese: pequeno diálogo entre estudante e seus colegas (after hours)**. *Cadernos de campo*. 2006. São Paulo, n. 14/15, p. 353-369.

QUEIROZ E MELO, M. de F. A. *Mas de onde vem o Latour?* Disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/queiroz_melo_artigo.pdf

SERRES, M. **Luzes. Cinco entrevistas com Bruno Latour**. S. Paulo: Edit. Unimarco. 1999.

TARDE, G. **Monadologia e sociologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.